

# Debate e cidadania: um relato de experiência de aulas de história

**Autora:**

**Iliene Carolina Barros**

*Pedagoga, especialista em Psicopedagogia em Educação Currículo e Ensino. Professora regente nas séries do Ensino Fundamental Anos Iniciais*

## Resumo

Este estudo relata a experiência de debates e de um processo eleitoral, ambos desenvolvidos com uma turma de 5º ano no Ensino Fundamental I do Colégio Adventista de Vitória, ES. A metodologia empregada foi do tipo descritiva, com abordagem qualitativa de análise, e para coleta de dados fez-se uso de entrevistas e produções textuais. As preleções consistiram em aulas expositivas dialogadas, trocas de experiências, debates, votações e eleições, envolvendo política e cidadania, além de uma aula de campo na Câmara Municipal de Vitória/ES, que oportunizou o conhecimento de importantes figuras públicas que lideram o município e a participação em reuniões de tomadas de decisão. Como referencial teórico, considerou-se a educação dialógica de Paulo Freire e seus ideais de criticidade e autonomia dos educandos. Portanto, a experiência realizada garantiu as educandos e participantes da mesma, uma visão democrática dos processos eleitorais, pois, oportunizou ricas vivências sociais.

**Palavras-chave:** Ensino. Democracia. Dialogicidade. Convivência social. Criticidade.

DOI: 10.58203/Licuri.20906

### Como citar este capítulo:

BARROS, Iliene Carolina. Debate e cidadania: um relato de experiência de aulas de história. In: FEITOZA, Denise Magalhães Azevedo (Org.). **Pesquisas e saberes em Educação**. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 219-232.

ISBN: 978-65-85562-08-9

## INTRODUÇÃO

A formação de cidadãos conscientes e participativos é um dos principais objetivos na educação, especialmente no ensino fundamental. Nesse sentido, o ensino de História desempenha um papel crucial ao abordar temáticas relacionadas à cidadania e aos processos democráticos. Este artigo apresenta um relato de experiência sobre a introdução do debate e da discussão sobre o voto eleitoral em aulas de História, voltadas para alunos do ensino fundamental. O objetivo é proporcionar aos estudantes uma compreensão mais ampla do processo eleitoral, estimulando o pensamento crítico, o desenvolvimento de habilidades argumentativas e a conscientização sobre a importância do voto como um instrumento de participação ativa na sociedade. Serão descritos os métodos utilizados, os resultados obtidos e as reflexões acerca dos desafios e benefícios dessa abordagem pedagógica, ressaltando a importância de formar cidadãos informados e engajados desde cedo.

Este estudo teve como motivação, a minha vivência docente, na qual leciono com a certeza de que inspiro em cada coração a busca por excelência e a superação de limites. Atuando no 5º ano do Ensino Fundamental I, preparatório para o Fundamental II, percebo a necessidade de desenvolver nos meninos e meninas de 10 e 11 anos, um pensamento mais crítico de sua realidade e das condições com as quais são desafiados diariamente.

Nesse contexto, a pergunta que representa a minha problemática é: como desenvolver um pensamento crítico por meio do debate político? Acredito na interação grupal, por meio de discussões e debates, como estratégia de ensino estimuladora do pensamento crítico, da reflexão e do diálogo de forma compartilhada.

O debate e a discussão mediados, são formas de tratamento de problemas e de apreciação de possíveis soluções. Trata-se não apenas de um embate ideológico, como também de um esforço de construção de resoluções de problemas utilizados por sociedades democráticas, que visam a solução mais adequada para todos os sujeitos envolvidos. Assim, a atividade do debate é de grande valia para a formação educacional de nossos alunos, pois estimula o desenvolvimento do pensar criticamente, a prática da elocução e o raciocínio lógico e coerente.

Para tal, o objetivo geral desse estudo foi relatar as experiências oriundas dos debates promovidos em sala de aula em torno de assuntos de história política do Brasil,

por meio de atividades que potencializasse o pensamento crítico e a formação cidadã do aluno.

## METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida no Colégio Adventista<sup>1</sup> de Vitória (CAV), situado na capital do Espírito Santo, Vitória, no bairro de Monte Belo, onde se oferece a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. No turno matutino, são oferecidas três turmas de Educação Infantil, dezessete turmas do Ensino Fundamental I e II e cinco do Ensino Médio. Às terças e quintas-feiras, os alunos do ensino médio têm aulas em período integral. No turno vespertino, funcionam seis turmas de Educação Infantil e dez do Ensino Fundamental I. O CAV é uma instituição educacional relevante para a comunidade de Vitória; desde o início de suas atividades acadêmicas têm recebido alunos de toda a Grande Vitória, mais especificamente dos municípios de Cariacica, Vila Velha e Serra.

A análise qualitativa deste relato de experiência foi desenvolvida com uma turma de 5º ano com 23 alunos, a fim de instigar os alunos à pesquisa, à reflexão e ao debate. No decorrer do processo, fizemos uso de entrevistas e de produções textuais. As experiências aqui descritas alinham-se, teoricamente, com a proposta de uma educação dialógica, crítica e emancipatória (FREIRE, 1996, 2005). Foram realizadas rodas de conversas, discussões gerais, visita à Câmara Municipal, votação em sala de aula sem boca de urna e campanha eleitoral.

À princípio, desenvolvemos uma aula expositiva e interativa sobre o gênero oral *debate*. O Trocando ideias, são questões dispostas de forma a estimular o pensamento na busca pelas respostas, direcionando o pensamento para a temática em questão da unidade. Traz a discussão sobre o trabalho no Brasil. Ao comparar a realidade atual com as difíceis situações dos trabalhadores do início do século XX, pode-se entender que as reivindicações dos operários obtiveram êxito com o passar do tempo.

Segundo o autor do livro didático de História (MOREIRA, 2015), apresenta o povo brasileiro descontente com o cenário político e com a forma de trabalho na República de

---

<sup>1</sup> No dia 03 de junho de 1872, a educação adventista teve início com a abertura da Battle Creek School, Michigan, que se destinava a atender os níveis elementar e secundário. No Brasil, em 1896, começou a funcionar em Curitiba, Paraná, a Instituição Internacional, sob a direção de Guilherme Stein Jr. Em 1897, Stein Jr. fundou uma nova escola em Gaspar Alto, SC. A partir daí o trabalho educacional cresceu e muitas escolas foram agregadas a essa, formando a rede de Escolas Adventistas.

Vargas. As críticas a esse momento histórico geraram muitas manifestações nos principais estados do Brasil.

Com a intenção de promover momentos dialógicos com os estudantes (Figura 1), fizemos uma roda de conversa e debatemos temáticas como: Quais lutas as mulheres tiveram na Primeira República do Brasil? As mulheres possuíam direito a voto? Atualmente, como o governo trata as manifestações sociais no Brasil? Hoje, os trabalhadores têm melhores condições de trabalho? A partir das respostas obtidas, alguns alunos foram solicitados a exporem as suas opiniões.



**Figura 1.** Registros de momentos de diálogos e atividades dos estudantes.

O professor anotou na lousa as principais considerações dos alunos. apresentamos um vídeo explicativo de como funciona e o que é um debate, com duração aproximada de 40 minutos de aula.

A fim de obtermos mais conhecimento sobre o Primeiro Período da República, os alunos fizeram uma atividade com o tema: a mulher e o trabalho - igualdade de direitos, em que tiveram a oportunidade de entrevistar mulheres adultas (mãe, tias, avós, vizinhas).

E para melhor contextualização dos saberes desenvolvidos em sala de aula, foi realizada uma aula prática, que consistiu numa visita à Câmara Municipal de Vitória. Tivemos dois momentos importantes nesse dia: o primeiro foi a ida ao gabinete do Presidente da Câmara, que nos aguardava para uma entrevista. Os alunos, preparados com suas pranchetas, fizeram perguntas já elaboradas por eles com a mediação do professor sobre o mandato do presidente e esclareceram suas dúvidas.

O segundo momento consistiu na Reunião no Plenário, ao vivo, que se deu logo após a entrevista, com a presença dos vereadores.

Dando continuidade à nossa pesquisa, em parceria com a equipe pedagógica e os estudantes, realizamos um debate em sala de aula, elegemos candidatos para o cargo de representante de turma, preparamos discursos, slogans, campanha e propaganda eleitoral.

Ao final dos debates e da votação, como registro de ideias e percepção dos discursos, foi pedido que cada aluno fizesse uma produção textual sobre o debate eleitoral ocorrido em sala e quais aprendizados obteve com todo o processo eleitoral.

## DESENVOLVIMENTO E ANÁLISE DA PESQUISA

O recorte histórico que relacionados em sala de aula foi “A Primeira República” (1889-1930). Na intenção de articular o debate a um assunto da História do Brasil, com a turma de alunos e exemplificar o contexto histórico existente no Brasil, a partir da disciplina de História estudada.

Após a atividade, os alunos resgataram conhecimentos prévios sobre o conceito de debate e suas vivências, reportando o seguintes depoimentos:

*Eu nunca participei de um debate. Mas é um lugar que as pessoas se reúnem e eles discutem ideias, propostas e fazem perguntas (Emília - 11 anos)*

*Eu acho que um debate é uma das melhores maneiras de ver quem é apropriado para um cargo importante, e o melhor disso é a democracia que tem ao fazer isso. (Gabriel Teixeira - 11 anos)*

*Pra mim, na minha cabeça, eu penso que, debate é a onde todos os representantes eleitos e candidatos, se reúnem para debater sobre um assunto e suas propostas para fazer a respeito de seu governo. (Nicollas - 10 anos)*

*Bom, pra mim um debate é uma forma das pessoas defenderem suas opiniões e mostrar seus interesses e suas propostas. (Ana Clara Calado - 11 anos)*

Ao final dessa atividade, o professor levou os alunos a refletirem sobre o fato de o debate estar enraizado em uma polêmica. No vídeo apresentado aos alunos<sup>2</sup>, Claudio

---

<sup>2</sup>BAZZONI, Cláudio. **Comunicação oral: gênero debate** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wDPD7K5ovcQ&feature=related>>. Acessado em 13 jun.2018

Bazzoni, assessor de Língua Portuguesa da Prefeitura de São Paulo, explicou as características do gênero oral debate, ressaltando o que o professor precisa ensinar para que o aluno tenha um bom desempenho ao participar desta situação social.

O assunto desenvolvido em sala de aula, o *debate*, que especificamente retrata um modelo de contestação baseado em argumentos, foi abordado por meio de relações entre a história vivida no passado do nosso país, com as atuais condições sociopolíticas. A proposta levou o aluno a compreender e a se posicionar de forma crítica, estabelecendo as relações necessárias para analisar o atual cenário brasileiro, considerando as conquistas e lutas empreendidas nos diferentes momentos históricos.

Como técnica de ensino, o debate favorece a confrontação de temas polêmicos e ambíguos, tendo por finalidade ajudar os alunos a analisar diversos aspectos de um tema, problema ou conteúdo. Essa metodologia consiste em habilidades que podem ser desenvolvidas dentro das disciplinas tradicionais.

Um professor comprometido com o pensamento crítico precisa pensar além de conteúdos específicos compartimentalizados e ensinar para fins e objetivos que transcendem objetos específicos. Ensinar para o pensamento crítico é, primeiro de tudo, criar um ambiente na classe e na escola que seja condutivo ao pensamento crítico. É ajudar a fazer da classe e da escola ambiente de uma mini sociedade crítica, um lugar onde os valores do pensamento crítico (verdade, abertura de mente, empatia, autonomia, racionalidade e auto criticismo) são encorajados e recompensados (PAUL, 1989, p. 21, tradução nossa).

Esse esforço em contextualizar a interdisciplinaridade (MOREIRA, 2012), gênero textual - debate, problematiza a educação bancária, tão criticada por Freire (1996, 2005). O autor evoca o diálogo como uma das categorias centrais para o desenvolvimento de um projeto educativo crítico. Constitui-se também como prática problematizadora da excessiva compartimentalização do conhecimento, pois há um campo relacional entre sujeitos e saberes, entre ação e reflexão, entre teoria e prática, que minimiza os efeitos da dicotomização dos pares antagônicos. Pela dialogicidade, é também possível uma aprendizagem significativa e contextualizada, pois os saberes prévios dos alunos são

confrontados/ampliados pelos saberes científicos por meio da análise de uma situação experimentada ou vivida (MOREIRA, 2012).

Durante a Primeira República no Brasil (1889-1930), as eleições foram caracterizadas pela fraude. Não havia fiscalização rigorosa como é feita nos tempos atuais. Os políticos determinavam os candidatos em que os eleitores deveriam votar. Assim, discutimos quem eram os eleitores da época, seu perfil, e por que as mulheres não possuíam direitos políticos e voz na sociedade. Em aula, as entrevistas e pesquisas realizadas foram socializadas para toda a turma.

No exercício do debate e da socialização de saberes, o diálogo se configura como vetor motivador da aprendizagem, já que envolve o respeito ao nível de compreensão do aluno e o compromisso de fazer com que os alunos avancem nesse processo. Além disso, esses momentos são sempre marcados por intensas trocas e negociações entre educandos e educadores, em que os partícipes se fazem sujeitos na relação, analisando os discursos e ressignificando aprendizagens. Assim, o diálogo não pode ser concebido como uma relação vertical entre os sujeitos, mas como relação horizontal de A com B que se fundamenta e se alimenta do amor, da humildade, da esperança, da fé. Mas afinal...

E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (FREIRE, 1996, p. 115).

Por meio da pedagogia dialógica, as relações de sala de aula culminam para o processo de humanização do educando, pois o aluno, a partir de sua leitura de mundo, vai avançando por vias da conscientização e da criticidade para outras leituras possíveis, problematizando suas reais condições existenciais sem deixar de sonhar com práticas sociais mais justas e igualitárias.

A escola, como instituição social, precisa exercer seu papel transformador e abordar temas pertinentes, como o exercício da cidadania, ajudando seus alunos a se posicionarem criticamente na sociedade. É importante que o aluno conheça seus direitos e deveres, e também seus representantes políticos, para poderem fiscalizar o

cumprimento de suas propostas e suas benfeitorias por melhores qualidade de vida. Segue, para efeito de elucidação, a transcrição de uma pergunta de um aluno na entrevista e a resposta do presidente da Câmara.

*Aluno: Quais são as funções de um Presidente da Câmara?*

*Presidente: Eu trabalho para servir a sociedade. Vocês são meus chefes. Precisamos pensar em propostas que ajudem a nossa cidade e executá-las. Como um projeto de lei que está em debate - Escola Sem Partido. Vocês podem entrar no portal da Câmara e votar se concordam ou não. Esse projeto de lei está tramitando na Câmara.*

Assim, o conhecimento desenvolvido em sala e amplamente discutido pelos alunos tornou-se mais significativo, pois encontrou eco na realidade, e pode ser ampliado, transformado, ressignificado.

É importante reiterar que a aprendizagem significativa se caracteriza pela interação entre conhecimentos prévios e conhecimentos novos, e que essa interação é não-litera e não-arbitrária. Nesse processo, os novos conhecimentos adquirem significado para o sujeito e os conhecimentos prévios adquirem novos significados ou maior estabilidade cognitiva (MOREIRA, 2011, p. 2).

O presidente convidou dois alunos para entrar com ele à mesa da diretoria e participar diretamente da reunião (Figura 2). Os alunos assistiram à abertura da reunião, iniciada por um texto bíblico, seguida da ordem de discurso, quando se votava em que momento se discutia a legibilidade da proposta de cada um, etc. Enfim, presenciaram em tempo real um debate formal no Plenário.

Os alunos e a equipe pedagógica vivenciaram momentos muito significativos para aprendizados e memórias históricas e políticas. Também tivemos a oportunidade de representar nossa fé por meio da entrega do livro “O Poder da Esperança” (2017) a assessores, vereadores e funcionários do governo. No Plenário, um vereador agradeceu a doação do livro em seu discurso, mostrando-se emocionado pela nossa visita à reunião, e enfatizando o papel cidadão da escola, ao estimular valores de solidariedade e preocupação com melhores condições de vida.





**Figura 2.** Alunos assistindo a reunião no plenário (ao vivo).

O presidente, ao receber o livro de um aluno, agradeceu-o com um abraço caloroso. O Presidente da Câmara publicou em rede social algumas fotos e os agradecimentos ao Colégio Adventista pela visita. Ao voltarmos para sala de aula, conversamos sobre a aula prática de campo, e os alunos escreveram no caderno de História um relatório sobre a entrevista e a visita à Câmara Municipal de Vitória.

Com a aula de campo, os alunos puderam comparar como era o processo eleitoral dos tempos da Primeira República com o dos tempos atuais. O objetivo dessas aulas estimulou a reflexão, a curiosidade e o debate da realidade dos educandos. Preparar os alunos para o pensamento crítico requer análise das diferentes situações, por vezes conflitantes. Como exercer a cidadania em nossa sala de aula, na escola e em nossa comunidade? Como escolher em quem votar? Como realizar uma campanha eleitoral limpa e justa?

Em conversa com a orientadora pedagógica do Ensino Fundamental II, etapa de ensino para o qual irão no próximo ano, perguntamos quais são os critérios mais apreciados para um aluno se candidatar a Representante e a Vice Representante de turma, uma vez que esse cargo é de função legítima e muito importante no ano que vem. Ela nos relatou que é necessário ter assiduidade, responsabilidade, bom rendimento acadêmico e bom relacionamento interpessoal.

Para atender a esses critérios, realizamos com a turma do 5º ano uma votação democrática (Figura 3). Antes, analisamos quais alunos se enquadravam nesse perfil para compor a candidatura para representante e vice de turma. Foram eleitos 12 nomes para votação, com registro no quadro/lousa. Cada aluno recebeu uma cédula de votação para depositar seu voto na urna.

Cada aluno pôde votar em dois nomes, um para representante e outro para vice. Baseados na ética e no respeito pela decisão de cada um, não fizemos propaganda política

em dia de votação, tampouco boca de urna. Ao fim da votação, foram selecionados os seis mais votados para participar da candidatura. Aos eleitos, foram explicadas as funções e responsabilidades de um representante de turma. A proposta foi de identificar líderes de sala que melhor representem as demandas da turma assim como os governantes eleitos pelo povo representam nosso município e estado.



**Figura 3.** Votação democrática dos alunos na urna em sala de aula

A seguir, os três alunos mais votados puderam escolher quem seriam seus vices representantes, dentre os seis escolhidos anteriormente, para trabalharem em uma campanha eleitoral para o cargo de representante de turma, exercendo a função até o fim do ano.

Para campanha política de cada dupla, houve a escolha do número para votação, a confecção de cartazes e slogans, e, sobretudo, a definição e defesa das propostas educativas para a turma. Os cartazes foram produzidos com muita criatividade, com uso de mascote, frases de efeito e foto impressa colorida dos candidatos. As duplas apresentaram suas propostas aos alunos para campanha eleitoral. Um exemplo de slogan de um dos candidatos: “De ouvidos abertos candidato eu sou! Ouvirei suas propostas, pois justiça te dou”!

Agendamos uma data para um debate dos candidatos, em que eles deveriam estar preparados para responder as perguntas feitas pelos alunos eleitores. O debate foi realizado em sala de aula, com os candidatos sentados em frente aos eleitores. Cada dupla fez um discurso de 5 minutos. Após, houve um debate com perguntas dos eleitores da turma. E, finalmente, o debate entre os oponentes candidatos ao cargo de representante e vice da turma.

Depois da campanha política, do discurso e debate dos candidatos, chegou a hora de votar. A cédula de votação foi especial: o setor de tecnologia e informática do colégio preparou um designer personalizado e colorido, com o emblema da República Federativa do Brasil, o emblema do Colégio Adventista, com cores da bandeira do Brasil e com foto colorida das 3 duplas candidatas ao cargo, identificadas também pelo número de votação. Depois de ocorrida a votação e a apurada dos votos, tivemos a dupla vencedora, eleita democraticamente. Segue uma conversa entre eleitor e candidata.

Aluno eleitor - 11 anos: Se você fizer algo que deixem todos tristes, inclusive você, você acha que deveria sair do cargo de representante da turma?

Aluna candidata a representante - 10 anos: Olha, se eu pudesse eu sairia, pois eu não queria magoar ninguém.

Aluno eleitor - 11 anos: Então você acha que os nossos representantes devem agir pela emoção?

Aluna candidata a representante - 10 anos: Como assim?

Aluno eleitor - 11 anos: Você acha que o emocional é mais importante que o acadêmico?

Aluna candidata a representante - 10 anos: Ainda não entendi.

Aluno eleitor - 11 anos: Você acha que a emoção das pessoas é mais importante que suas notas?

Aluna candidata a representante - 10 anos: Bom, as duas coisas são muito importantes para o aluno e para a turma.

Aluno candidato a vice- representante - 11 anos (Figura 4): Bom... o que a candidata está tentando dizer é que a emoção e o bem estar dos alunos são importantes e o acadêmico também. Então ela tentaria fazer o melhor para não ter que abandonar o cargo.

Aluno eleitor - 11 anos: Obrigado!

No desenvolvimento das atividades foi percebido que os alunos se interessaram pela “nova” proposta de arranjo da sala de aula, no formato de debate, bem como pela possibilidade de falar livremente, uma vez que essa estratégia de ensino estimulou a capacidade dos alunos de dialogarem mais e respeitarem diferentes valores culturais e sociais, visto que cada participante traz consigo realidades e interesses diferentes.



**Figura 3.** Foto dos candidatos para vice e representante de turma.

A aprendizagem dos alunos foi construída de forma flexível, dinâmica e prática, levando-os a aprender uns com os outros. Os alunos se envolveram com as propostas e empenharam-se em ajudar uns aos outros na campanha eleitoral. A produção textual foi positiva por parte dos alunos. O resultado do pleito refletiu na mudança de comportamento dos alunos, visto que uma das propostas defendidas para a sala era a coleta seletiva do lixo. Os alunos, no recreio, passaram a se dividir em grupos para coleta do lixo, o que foi muito bem visto e elogiado pelos funcionários do colégio.

As aulas de História favorecem a multiplicidade de leituras de mundos e aguça a curiosidade do educando porque aborda os múltiplos aspectos que constituem a realidade. Assim, ao invés de cultivarmos a pedagogia das respostas, cujas certezas se revelam castradoras da curiosidade dos educandos, devemos potencializar o caráter desafiador da curiosidade mediante a pedagogia da pergunta.

Freire (1996) afirma a importância de os educadores assumirem o compromisso ético-político de problematizar os discursos que afirmam a história como puro fatalismo, levando os educandos a tomarem consciência de suas condições de vida e a lutarem por melhores condições existenciais. Nessa perspectiva de superação, os pensamentos de Freire levam os educadores a também rejeitarem qualquer tipo de discriminação na busca pela superação da relação opressor-oprimido. A aceitação do “outro como legítimo outro” é condição precípua para a inclusão do ser humano em todas as suas particularidades.

Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. Se discrimino o menino ou menina pobre, a menina ou o

menino negro, o menino índio, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso, evidentemente, escutá-las e, se não as escuto, não posso falar com eles, mas a eles, *de cima para baixo*. Sobretudo, me proíbo entendê-los. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me *escutá-lo* ou *escutá-la*. O diferente não é o *outro* a merecer respeito é um *isto* ou *aquilo*, destratável ou desprezível (FREIRE, 1996, p. 136, grifos do autor).

Nesse contexto, pensar e ensinar história política implica no respeito às diferenças e na crença de possibilidades de transformação social. Por meio do debate, os alunos aprenderam a respeitar os diferentes saberes e culturas, o pluralismo de ideias, avançando em defesa dos ideais democráticos de vida. Percebemos que as atividades efetivadas conseguiram ensinar a prática eleitoral e a postura honesta de uma campanha eleitoral limpa e justa. Tentando sempre levar para a sala de aula metodologias de aprendizagem diferentes do tradicional, como aulas práticas, debates, discussões, rodas de conversa e entrevistas relacionadas ao cotidiano nas quais foram abordadas questões políticas e históricas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas análises realizadas durante a efetivação das atividades propostas, notamos que não só os alunos, mas também os docentes e a equipe pedagógica aprenderam sobre essa prática de ensino inovadora e o quanto agrega para a área da educação. É indispensável para a formação dos estudantes a vivência de situações em que tenham que se posicionar diante das situações de liderança e de ideias, as quais servirão de exemplo de como agir dentro da sala de aula, com alunos que pensam e agem de formas diferentes.

Nas atividades realizadas, que substanciaram esse relato de experiência, buscou-se uma análise do contexto político vivido no Brasil na Era Vargas no período de (1930 - 1945) com base no livro didático de História. Primou-se com as atividades o desenvolvimento de pensamento crítico, capaz de possibilitar a reflexão e o diálogo de forma compartilhada. Como resultados, houve muitos avanços na compreensão por parte dos alunos sobre o exercício da cidadania, a possibilidade de falar livremente, uma vez que esta estratégia de ensino estimula a capacidade dos alunos de dialogarem mais, descobrirem e respeitarem diferentes valores culturais e sociais.

Como a análise gerou uma avaliação positiva, esperamos dar continuidade nas discussões e pesquisas, sobre como desenvolver o pensamento crítico nos alunos por meio das aulas de história, que serão desenvolvidos como uma futura pesquisa da acadêmica no mestrado na área da Educação.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MOREIRA, Hulda Raquel S. Rodrigues. **História e Geografia**, 5º ano. 2 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015. (Coleção Interagir e Crescer).

MOREIRA, Marco Antônio. Aprendizagem significativa. **Aprendizagem significativa em revista**, v.1, p. 25-46, 2011. Disponível em:

<[http://lief.if.ufrgs.br/pub/cref/pe\\_Goulart/Material\\_de\\_Apoio/Referencial%20Teorico%20-%20Artigos/Aprendizagem%20Significativa.pdf](http://lief.if.ufrgs.br/pub/cref/pe_Goulart/Material_de_Apoio/Referencial%20Teorico%20-%20Artigos/Aprendizagem%20Significativa.pdf)>.

Acesso em 20 de agosto 2016

PAUL, Richard, et al. **Critical Thinking Handbook: High School. A Guide for Redesigning Instruction**. Center for Critical Thinking and Moral Critique, Sonoma State University, Rohnert Park, CA 94928, 1989.

SOUZA, Hulda Cyrelli de. **Língua Portuguesa**. 5º ano. 2 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012. (Coleção Interagir e Crescer).